



ABORDANDO DESAFIOS NA IDENTIFICAÇÃO E INTERVENÇÃO PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.

Lorena Rebouças da Silva ¹, Islenne Martins Almeida Guimarães², Beatriz Almeida Holanda³, Karen Lorrany Sousa Machado ⁴, Breno Borges Barbosa ⁵, David Reis Moura ⁶, Taysman Medeiros Barbosa Santos ⁷, Kevin Bruno Alves Ribeiro ⁸, Hugo de Oliveira Cutrim Carvalho ⁹, Juliana Almeida Ramos Borges ¹⁰

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é considerado um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por deficiente interação e comunicação social, padrões estereotipados e repetitivos de comportamento e desenvolvimento intelectual irregular, frequentemente com retardo mental. Este estudo revisou os desafios associados ao diagnóstico e tratamento precoce do TEA, destacando a importância da identificação precoce dos sinais e sintomas característicos da condição. As Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com TEA ressaltam a necessidade crucial de intervenções precoces para melhorar a condição clínica dos indivíduos afetados. No entanto, a média de diagnóstico no Brasil ainda está aquém do ideal, indicando a necessidade urgente de promover a detecção precoce e reduzir os atrasos no acesso aos serviços de intervenção precoce. Os desafios no diagnóstico e tratamento precoce do TEA incluem a variação na apresentação clínica da condição, a falta de ferramentas de triagem padronizadas e o desconhecimento dos profissionais de saúde sobre os sinais precoces do TEA. Apesar desses obstáculos, intervenções precoces estão associadas a ganhos significativos no funcionamento cognitivo e adaptativo das crianças afetadas. Portanto, é fundamental adotar abordagens integradas e colaborativas para enfrentar esses desafios e melhorar o manejo do TEA.

Palavras-chave: transtorno do Espectro Autista, diagnóstico precoce, intervenção precoce, desafios, saúde pública.



ADDRESSING CHALLENGES IN EARLY IDENTIFICATION AND INTERVENTION OF AUTISM SPECTRUM DISORDER

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is considered a neurodevelopmental disorder characterized by deficient social interaction and communication, stereotyped and repetitive patterns of behavior and irregular intellectual development, often with mental retardation.. This study reviewed the challenges associated with the early diagnosis and treatment of ASD, emphasizing the importance of early identification of characteristic signs and symptoms of the condition. Guidelines for the Rehabilitation of Individuals with ASD underscore the crucial need for early interventions to improve the clinical condition of affected individuals. However, the average age of diagnosis in Brazil still falls short of ideal, indicating an urgent need to promote early detection and reduce delays in accessing early intervention services. Challenges in the early diagnosis and treatment of ASD include variations in the clinical presentation of the condition, lack of standardized screening tools, and healthcare professionals' unfamiliarity with early signs of ASD. Despite these obstacles, early interventions are associated with significant gains in the cognitive and adaptive functioning of affected children. Therefore, it is essential to adopt integrated and collaborative approaches to address these challenges and improve ASD management.

Keywords: autism Spectrum Disorder, early diagnosis, early intervention, challenges, public health.

Instituição afiliada – GRADUADA EM MEDICINA- CENTRO UNIVERSITÁRIO TIRADENTES (UNIT) ¹, GRADUANDA EM MEDICINA -FACULDADE DE ENSINO SUPERIOR DA AMAZÔNIA REUNIDA (FESAR) ², GRADUANDA EM MEDICINA- CENTRO UNIVERSITÁRIO UNINOVAFAPI ³, GRADUANDA EM MEDICINA- CENTRO UNIVERSITÁRIO UNINOVAFAPI ⁴, GRADUANDO EM MEDICINA- CENTRO UNIVERSITÁRIO UNINOVAFAPI ⁵, GRADUANDO EM MEDICINA- CENTRO UNIVERSITÁRIO UNINOVAFAPI ⁶, GRADUANDA EM MEDICINA -CENTRO UNIVERSITÁRIO UNINOVAFAPI ⁷, GRADUANDO EM MEDICINA- CENTRO UNIVERSITÁRIO UNINOVAFAPI ⁸, GRADUANDO EM MEDICINA- CENTRO UNIVERSITÁRIO METROPOLITANO DA AMAZÔNIA- UNIFAMAZ ⁹, GRADUANDA EM NEUROPSICOPEDAGOGIA CLÍNICA INSTITUCIONAL -CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL- (UNINTER) ¹⁰.

Dados da publicação: Artigo recebido em 12 de Março e publicado em 02 de Maio de 2024.

DOI: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n5p124-134>

Autor correspondente Beatriz Almeida Holanda(bia.almeida.10@hotmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição caracterizada por dificuldades que surgem precocemente e afetam o desenvolvimento ao longo da vida do indivíduo. Essas dificuldades variam amplamente em sua intensidade e forma de expressão nas diferentes áreas que definem o diagnóstico do TEA. Hoje, o TEA é compreendido como uma síndrome comportamental complexa, influenciada por múltiplos fatores, incluindo elementos genéticos e ambientais (Rutter, 2011). Estima-se que aproximadamente uma em cada 150 crianças nasça com TEA, caracterizado por dificuldades na interação social, na comunicação e por comportamentos atípicos (BRANDALISE, 2013). Apesar de sua prevalência, as causas específicas do TEA ainda não são totalmente compreendidas.

Um dos principais desafios no manejo do TEA reside no diagnóstico precoce. Embora seja possível diagnosticar o TEA de forma confiável até os 2 anos de idade, no Brasil, a idade média de diagnóstico tem sido em torno dos 6 anos. Esse atraso de pelo menos 36 meses acarreta uma série de consequências, incluindo maior morbidade e subutilização da plasticidade neuronal nos primeiros anos de vida, os quais são cruciais para a eficácia da intervenção precoce em crianças autistas (GADIA et al., 2004). Portanto, é essencial um esforço global para promover a detecção precoce e melhorar o acesso aos serviços de intervenção precoce para crianças com TEA.

Apesar dos avanços na compreensão do TEA, persistem desafios significativos no diagnóstico e tratamento precoces. A variação na apresentação clínica do TEA dificulta a identificação precoce, enquanto a falta de ferramentas de triagem padronizadas e o desconhecimento dos profissionais de saúde sobre os sinais precoces do TEA podem resultar em atrasos no diagnóstico e no acesso a serviços de intervenção precoce. No entanto, intervenções precoces têm sido associadas a ganhos significativos no funcionamento cognitivo e adaptativo da criança autista (BLUMBERG et al., 2016).

Nesse sentido, é fundamental o desenvolvimento de medidas de identificação precoce, com um enfoque especial no papel da Atenção Básica como porta de entrada do sistema de saúde. Instrumentos como o M-CHAT têm se mostrado úteis como ferramentas de rastreamento de casos de TEA (OLIVEIRA et al., 2017). Além disso, abordagens integradas e colaborativas são essenciais para enfrentar os desafios no diagnóstico e tratamento



precoces do TEA, incluindo o desenvolvimento de ferramentas de triagem validadas, a formação de equipes multidisciplinares e o investimento em programas de educação e conscientização para profissionais de saúde, educadores e famílias.

METODOLOGIA

O presente estudo é caracterizado como um estudo exploratório e descritivo. Esta revisão foi conduzida por meio de uma pesquisa sistemática na literatura utilizando bases de dados eletrônicas renomadas, tais como PubMed, PsycINFO e Scopus.

Para a busca de artigos, foram considerados os seguintes descritores de acordo com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): "transtorno do espectro autista" e "ABA" psicológico", "obstáculos" e "qualidade de vida", além de "diagnóstico".

Essa abordagem permitiu uma ampla cobertura dos estudos relacionados aos temas de interesse, possibilitando uma análise abrangente sobre as interseções entre o transtorno do espectro autista, tratamento, o diagnóstico e a qualidade de vida das pessoas afetadas.

RESULTADOS

Os resultados desta revisão destacam a complexidade do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e os desafios que permeiam o diagnóstico e tratamento precoce dessa condição. A prevalência do TEA evidencia a importância de compreender e abordar essa condição de forma eficaz, considerando seu impacto significativo na vida das pessoas afetadas e de suas famílias.

As Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (2013) enfatizam a importância crucial da identificação precoce de sinais e sintomas característicos do TEA para possibilitar a implementação de terapias corretivas e melhorar a condição clínica dos indivíduos afetados. O diagnóstico precoce é fundamental, pois oferece maiores chances de recuperação ou melhora do quadro.

De acordo com essas diretrizes, o quadro sintomatológico do TEA geralmente se manifesta até os 3 anos de idade. Por isso, é essencial que os profissionais de saúde estejam atentos aos sinais e sintomas desde os primeiros meses de vida da criança. Com base nessa premissa, o Ministério da Saúde desenvolveu indicadores do desenvolvimento e sinais de



alerta para o TEA, abrangendo faixas etárias dos 0 meses até os 36 meses.

Esses indicadores têm como objetivo auxiliar na identificação de sinais e sintomas preditores possíveis do TEA durante os primeiros anos de vida da criança. No entanto, é importante ressaltar que esses indicadores não são elementos patognomônicos da doença, ou seja, a ausência deles não exclui a possibilidade de diagnóstico de TEA, assim como sua presença não é necessariamente indicativa da condição. Portanto, a avaliação clínica completa e a observação do comportamento da criança ao longo do tempo são essenciais para um diagnóstico preciso e uma intervenção adequada.

A identificação precoce do TEA emerge como um ponto crucial para intervenções bem-sucedidas. No entanto, os dados revelam uma idade média de diagnóstico no Brasil muito além do período ideal, o que ressalta a urgência de promover a detecção precoce e reduzir os atrasos no acesso aos serviços de intervenção precoce.

Os desafios no diagnóstico e tratamento precoce do TEA são multifacetados, incluindo a variação na apresentação clínica da condição, a falta de ferramentas de triagem padronizadas e o desconhecimento dos profissionais de saúde sobre os sinais precoces do TEA. Esses obstáculos podem contribuir para a subestimação e subdiagnóstico da condição, resultando em atrasos no início da intervenção e potencialmente impactando negativamente o prognóstico das crianças afetadas.

De acordo com o Ministério da Saúde, a multiplicidade de características do autismo dificulta a conclusão do diagnóstico. Zanon, Backes e Bosa (2017) também apontam a falta de profissionais qualificados e a dificuldade de acesso aos serviços como fatores que podem contribuir para o atraso no diagnóstico no Brasil.

Guilhardi, Romano e Bagaiolo (2011) ressaltam a importância de os profissionais da saúde e da educação terem discernimento sobre o transtorno e serem capazes de identificar os primeiros sinais. Zanon, Backes e Bosa (2017) destacam a necessidade de uma investigação detalhada do desenvolvimento socio comunicativo da criança, mesmo que os pais não tenham notado atrasos nessa área inicialmente.

Costa (2014) afirma que exposição precoce a estímulos e intervenções pode ajudar a evitar o surgimento e agravamento dos problemas apresentados pela criança com autismo, bem como a adquirir ou recuperar habilidades perdidas. Zeppone, Volpon e Del Ciampo (2012) e Franco (2007) corroboram, enfatizando que a intervenção precoce contribui para o

máximo desenvolvimento do indivíduo e sua integração social.

De acordo com Gadia et al. (2004), o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) baseia-se principalmente em critérios clínicos. Este processo diagnóstico envolve a observação do comportamento da criança, entrevistas com os pais e a utilização de instrumentos métricos. Os parâmetros utilizados para essa avaliação são delineados no Manual Estatístico e Diagnóstico da Associação Americana de Psiquiatria (DSM-5). Além disso, existem outras ferramentas de rastreamento do TEA, tais como a Escala de Classificação do Autismo na Infância, Indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil e o M-CHAT. Esses instrumentos desempenham um papel importante na identificação precoce e no diagnóstico preciso do TEA.

O DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição) descreve os critérios diagnósticos para o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esses critérios ajudam os profissionais de saúde a identificar e diagnosticar o TEA com base em padrões específicos de comportamento observados na criança. Os critérios do DSM-5 para o TEA incluem:

DSM-V: Critérios diagnósticos dos Transtornos do Espectro Autista 299,00 (F84.0)	
A	Deficiências persistentes na comunicação e interação social: 1. Limitação na reciprocidade social e emocional; 2. Limitação nos comportamentos de comunicação não verbal utilizados para interação social; 3. Limitação em iniciar, manter e entender relacionamentos, variando de dificuldades com adaptação de comportamento para se ajustar as diversas situações sociais.
B	Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, manifestadas pelo menos por dois dos seguintes aspectos observados ou pela história clínica: 1. Movimentos repetitivos e estereotipados no uso de objetos ou fala; 2. Insistência nas mesmas coisas, aderência inflexível às rotinas ou padrões ritualísticos de comportamentos verbais e não verbais; 3. Interesses restritos que são anormais na intensidade e foco; 4. Hiper ou hiporreativo a estímulos sensoriais do ambiente.
C	Os sintomas devem estar presentes nas primeiras etapas do desenvolvimento. Eles podem não estar totalmente manifestos até que a demanda social exceder suas capacidades ou podem ficar mascarados por algumas estratégias de aprendizado ao longo da vida
D	Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento atual do paciente.
E	Esses distúrbios não são melhores explicados por deficiência cognitiva ou atraso global do desenvolvimento.

Fonte: DSM-V

Um aspecto crucial para concluir o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) é a avaliação do comprometimento funcional na vida do paciente. Além dos critérios diagnósticos estabelecidos, sintomas adicionais podem estar presentes, como irritabilidade, hiperatividade, agressividade e insônia. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) categorizou as necessidades de suporte e atendimento com base na severidade do TEA, dividindo-as em três níveis:

- Nível 1: Necessita de suporte. Apresenta dificuldades iniciais na interação social e



respostas atípicas ou falhas em interações sociais. A inflexibilidade pode interferir em seu funcionamento em diferentes contextos.

- Nível 2: Requer apoio substancial. Apresenta um déficit acentuado em aspectos não verbais e sociais, dificuldade em iniciar interações e padrões comportamentais restritivos ou repetitivos.
- Nível 3: Requer apoio muito significativo. Apresenta um grave déficit social e não verbal, além de inflexibilidade em relação a mudanças, o que interfere significativamente em suas atividades diárias.

Diante dessas evidências, torna-se fundamental adotar abordagens integradas e colaborativas para enfrentar os desafios no diagnóstico e tratamento precoces do TEA. Isso inclui o desenvolvimento e a implementação de ferramentas de triagem validadas, a capacitação de profissionais de saúde para reconhecer os sinais precoces do TEA e o fortalecimento dos sistemas de apoio e serviços de intervenção precoce disponíveis para crianças e famílias afetadas pelo TEA.

Ao suspeitar de autismo, o primeiro passo é buscar um profissional especializado, como neurologista ou psiquiatra infantil, para encaminhamento adequado às terapias necessárias.

Lear (2004) destaca que a terapia ABA é caracterizada por uma abordagem intensa e estruturada, realizada de forma individual entre paciente e terapeuta, com recomendação de 30 a 40 horas semanais de intervenção, podendo ser aplicada em diversos ambientes, incluindo consultório, escola e casa. Por sua vez, Camargo e Rispoli (2013) afirmam que essa terapia visa identificar habilidades e comportamentos atípicos, permitindo a definição de objetivos específicos e a implementação de intervenções comportamentais eficazes com base nesses objetivos.

De acordo com Loovas (2003), é importante que os responsáveis pela criança sejam treinados pelos profissionais para saberem como intervir e estimular seus filhos, dessa forma contribuindo ainda mais para o tratamento e para o desenvolvimento da criança.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo destaca a complexidade e os desafios enfrentados no diagnóstico e tratamento precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA). A prevalência significativa do TEA ressalta a importância de compreender e abordar essa condição de forma eficaz, reconhecendo seu impacto significativo na vida das pessoas afetadas e suas famílias.

É fundamental ressaltar a importância da identificação precoce dos sinais e sintomas do TEA, conforme enfatizado pelas Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com TEA. A implementação de terapias corretivas desde cedo pode contribuir para melhorias significativas na condição clínica dos indivíduos afetados. No entanto, a média de diagnóstico no Brasil ainda está muito aquém do ideal, o que destaca a necessidade urgente de promover a detecção precoce e reduzir os atrasos no acesso aos serviços de intervenção precoce.

Os desafios no diagnóstico e tratamento precoce do TEA são multifacetados e incluem a variação na apresentação clínica da condição, a falta de ferramentas de triagem padronizadas e o desconhecimento dos profissionais de saúde sobre os sinais precoces do TEA. Esses obstáculos podem resultar em subestimação e subdiagnóstico, impactando negativamente o prognóstico das crianças afetadas.

No entanto, os resultados destacam a importância crucial da intervenção precoce no TEA, associada a ganhos significativos no funcionamento cognitivo e adaptativo das crianças afetadas. É essencial adotar abordagens integradas e colaborativas para enfrentar esses desafios, incluindo o desenvolvimento e implementação de ferramentas de triagem validadas e o fortalecimento dos sistemas de apoio e serviços de intervenção precoce disponíveis.

Em resumo, este estudo reforça a necessidade de uma abordagem abrangente e coordenada para melhorar a detecção precoce e o manejo do TEA, visando otimizar os resultados a longo prazo para os indivíduos afetados e suas famílias.



REFERÊNCIAS

BLUMBERG S. J., et al. Diagnosis lost: Differences between children who had and who currently have an autism spectrum disorder diagnosis. *Autism: the international journal of research and practice*, v. 20, n. 7, p. 783–795, 2016.

BRANDALISE, A. Musicoterapia aplicada à pessoa com transtorno do espectro do autismo (TEA): uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Musicoterapia*, v. 15, n. 15, p. 28-42, 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtorno do espectro autista. Brasília: Ministério da Saúde, 2013.

CAMARGO, S,P,H.; RISPOLI, M. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. *Revista Educação Especial | v. 26 n. 47 p. 639-650 2013 Santa Maria*

COSTA, D.C.F. Intervenção Precoce no Transtorno do Espectro do Autismo. Mestrado em Ciências da Educação na Especialidade em Educação Especial: Domínio Cognitivo e Motor. Lisboa, Julho de 2014.

DSM-5. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

GADIA, C. A.; TUCHMAN, R.; ROTTA, N. T. Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. *Jornal de Pediatria*, v. 80, n.2, p. 83-94, 2004.

GUILHARDI, C.; ROMANO, C.; BAGAILOLO, L. Risco autístico em bebês: possibilidades de avaliação comportamental. In: PESSÔA, C.V.B.B.; COSTA, C.E.; BENVENUTTI, M.F. (Org) *Comportamento em foco 1*. São Paulo: Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental – ABPMC, 2012. Disponível em: <http://abpmc.org.br/arquivos/publicacoes/14051224948bfcea692.pdf> Acesso em: 25/04/2024

LOOVAS, O.I. Ensinando indivíduos com atrasos de desenvolvimento: Técnicas básicas de intervenção. Austin, Texas: PRO-ED, Inc, 200

OLIVEIRA, F. V. Transtorno do espectro autista – O papel do médico de família no diagnóstico precoce e suporte familiar. 2017. Tese (Mestrado Integrado em Medicina)- Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017.

Rutter, M. L. (2011). Progress in understanding autism: 2007 - 2010. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 41, 395 - 404.

ZANON, R.B; BACKES,B; BOSA, C.A. Diagnóstico do autismo: relação entre fatores contextuais,



**ABORDANDO DESAFIOS NA IDENTIFICAÇÃO E INTERVENÇÃO PRECOCE NO TRANSTORNO
DO ESPECTRO AUTISTA.**

Holanda *et. al.*

familiares e da criança. *Psicologia: Teoria e Prática*, vol. 19, núm. 1, enero-abril, 2017, pp. 152-163

Universidade Presbiteriana Mackenzie São Paulo, Brasil

ZEPHONE, S.C; VOLPON, L.C; DEL CIAMPO, L.A. Monitoramento do desenvolvimento infantil realizado no Brasil. *Rev Paul Pediatr* 2012;30(4):594-9. São Carlos/SP